

Quem só Espera, Nunca Alcança

Eduardo Marçal Grilo com Dulce Neto

PASSADO:

1 Quando Humberto Delgado saiu do hotel não precisou de falar para que aquela massa humana se unisse em efusivos berros e “vivas!” Havia milhares de apoiantes e curiosos na rua, uma grande agitação. Era a primeira manifestação política a que eu assistia, o momento mais emocionante dos meus dezasseis anos.

(...)

Dei um grito, e depois olhei para o lado para ver se alguém se tinha apercebido. Foi só um grito de apoio, único, sem palavras, um som indefinido. Foi o meu acordar para um outro mundo.

Nascia aí, num fim de tarde de 30 de Maio de 1958, a minha consciência política.

2 Nem uma formiga. No Pavilhão de Desportos, o espaço esgotara-se completamente. Trocaram-se cadeiras por pessoas. Colocaram-se altifalantes para os que ficaram de fora ouvirem os discursos. O calor tornava-se suor por todos os lados. Salgado Zenha, perante a “electricidade no ar” naquele 16 de Janeiro de 1975, iniciou o seu discurso “com toda a serenidade”. Começava, neste grande comício em Lisboa, o combate fortíssimo contra a unicidade sindical, um cavalo de batalha do PCP dessa altura. No meio de tantos bigodes e barbas (a minha não resistira a 1971), eu ouvia-os empolgado.

PREC:

1 *Tudo correu como seria esperado? Nem tudo, em especial a Democracia, que não foi fácil de assegurar. As ideias comunistas, o Dr. Cunhal, o Sol da Terra, as utopias, mas também os ódios de classe, as invejas aliadas a um povo ignaro encarregaram-se de criar um clima que nos sufocou e que quase nos ia conduzindo para um totalitarismo que, em tudo, seria bem pior do que o regime salazarista que nos foi imposto entre 30 e 74!*

2 De braço no ar, na maior das confusões em que ninguém sabia bem o que se estava a debater e a votar, decidiam-se todas as questões, fossem elas de natureza financeira, administrativa, científica ou pedagógica. Era uma gestão delirante, uma deriva populista e, mais uma vez, basista. O Técnico estava transformado num manicómio em que os loucos tinham entrado em autogestão.

3 *Penso que um certo pragmatismo assente nos Valores Essenciais não faz mal a ninguém. Sejam os protagonistas de esquerda ou de direita (se isso ainda diz alguma coisa...), o que se lhes pede é que olhem para a realidade e vejam as pessoas com os seus problemas mas também com as suas potencialidades e fragilidades e actuem sem batotas e utopias em mente. De utopias ficámos fartos no PREC. De novas utopias corremos o risco de ficar fartos agora, se não houver bom senso nas políticas a adoptar.*

4 Convoquei os presidentes das várias comissões interuniversitárias para uma reunião. Estavam presentes nomes de grande gabarito como o Professor Magalhães Godinho, o Professor Paulo Quintela e o Professor Orlando Ribeiro. Eu comecei por dizer:

— Senhores Professores, tenho muito gosto em recebê-los, quero agradecer-vos muito em nome do ministro e do Governo, mas também quero dizer-vos que os senhores estão sob fortíssima crítica.

O jornal do Partido Comunista, o *Diário*, tinha sido implacável, chamava-lhes fascistas e reaccionários. O Orlando Ribeiro, um senhor, que eu nunca tinha visto, olhou muito sério para mim e disse:

— Ó senhor director-geral, eu para essa matéria defeco.

5 O Durão Barroso fez hoje afirmações sobre o estado da Educação em Portugal que o deviam envergonhar. Então não vem agora criticar o que se passou depois do 25 de Abril nas nossas escolas, quando ele nesse período andava a destruir a Faculdade de Direito de Lisboa, expulsando os professores, ameaçando as pessoas, pugnando pelas passagens administrativas e a não avaliação dos estudantes?! E vem agora falar da excelência e do rigor que existiam nas escolas do Estado Novo e foram destruídas com o 25 de Abril?! Deus meu, ao que nós chegámos. Parece que nos querem fazer perder a memória. Pois eu nunca esquecerei o mal que esta gente fez a Portugal e aos portugueses.

GOVERNO:

1 O Conselho de Ministros não é um clube de amigos. (...)
Recordo-me de um braço de ferro no Conselho de Ministros sobre a hora legal. A TAP queria ter a mesma hora das grandes capitais, Bruxelas, Paris. Nós, no Ministério da Educação,

queríamos ter a hora da claridade — a que impedisse que as crianças fossem para a escola quando a manhã ainda era noite. Uns esgrimiam razões económicas, alguns chegavam a invocar a coesão europeia, dizendo que tal implicava a mesma hora no espaço europeu. Eu usava o único argumento que tinha: o interesse das crianças, fazendo uma tangente ao *slogan* eleitoral do PS, “as pessoas estão primeiro”. O António Guterres até se riu e o ministro que defendia o acerto da hora acabou por perder para os meninos que se levantavam sem sol para chegar a tempo à escola.

2 Fiz, não o que prometera, mas sim o que me pareceu indispensável para pôr o porta-aviões da Educação na direcção certa. Claro que gostaria de ter feito muito mais, se há coisa que eu não sou é um contentinho. No entanto, vinte anos depois, satisfaz-me ver que as principais reformas (não sou dado a revoluções, a Educação não se dá bem com elas) se consolidaram.

3 Havia depois uma massa de deputados menos activos, que pensava pouco, estudava quase nada e tinha uma participação a raiar o irrelevante. Sobrava um grupo, a que o Ferro Rodrigues e eu chamávamos os *hooligans* — estavam junto à parede e emitiam uns sons que não se entendiam, serviam só para interromper e criar confusão. Julgo que o cenário não mudou muito de então para cá.

4 Os *lobbies* regionais e as forças vivas das cidades manifestaram-se em todo o seu esplendor numa aspiração irresistível: a passagem dos institutos politécnicos para universidades. Um querer sem cor partidária: social-democratas,

comunistas, centristas ou socialistas, todos desejavam e exigiam o mesmo.

A guerra foi muito renhida. Cheguei a colocar o meu lugar à disposição do PM se se fizesse o contrário do que eu defendia.

FUTURO/Portugal:

(não há uma citação curta e sintética sobre o futuro, há vários desafios que desenvolve em vários parágrafos, o Prof escolheu este do investimento estrangeiro. Coloquei aqui também um longo parágrafo sobre os pontos fortes, mas sinceramente não gosto muito de nenhum)

1 Portugal tem futuro. Mas tem de encarar seriamente alguns desafios. (...) temos de atrair o investimento estrangeiro, pois durante muito tempo não vamos ter capacidade de investimento próprio, o país está muito debilitado financeiramente. Ora, isso só se consegue se tivermos estabilidade política, um sistema de justiça que funcione, recursos humanos competentes e muita flexibilidade burocrática.

2 Mas, felizmente, não nos faltam oportunidades. Algumas das quais já estamos a agarrar bem. O mar; a plataforma continental; a internacionalização das universidades; a criação de empresas com base no conhecimento (ligação dos universitários aos empresários); o esforço na diversificação das exportações e dos países destinos desses produtos; a atracção dos centros de pesquisa, desenvolvimento e tecnológicos associados a universidades; o incremento turístico como fonte de riqueza; o

aproveitamento da diáspora portuguesa e as relações com a China e com a Índia.

3 Ou os mais novos se preparam muito bem e têm uma grande qualidade pessoal, vontade de aprender e de trabalhar, capacidade de iniciativa e de inovação e sabem jogar com a mudança, ou se ficam sentados à espera que lhes tragam o almoço e o jantar, não vão a lado nenhum.

4 Quando vou às escolas, digo sempre:

— Senhores professores, dêem asas aos vossos miúdos, ponham-nos a voar, porque eles voam, é preciso é pô-los a voar.

OUTROS:

1 *O país precisa de um choque de bom senso. Não podemos continuar com as escaramuças entre partidos e com estes ataques pessoais que nada resolvem mas que desgastam políticos, partidos e sistema democrático.*

2 É óbvio que a internacionalização só se consegue com muita qualidade no ensino e no trabalho que aqui é feito, ninguém vem estudar ou trabalhar para cá só por causa do sol e do peixe grelhado.

3 *Esta rejeição da política e dos políticos não vai ser fácil de ultrapassar. Não vejo ninguém com capacidade para refazer a imagem da política. O que nos é mostrado todos os dias é a lógica dos pequenos interesses, das lutas internas pelos*

pequenos poderes, as aldrabices, os discursos grandiloquentes, as acusações mútuas e a falta de coerência. E isto é comum a todos os que se metem neste vórtice da política, talvez com algumas pequenas exceções.

4 A primeira prioridade da maior parte dos políticos é manter-se nos sítios onde está ou aceder aos lugares onde gostava de estar. A vida dos partidos é muito uma partilha de lugares, de posições, de “tu vais para aqui”, “eu vou para além”, “o outro para ali”, “para mim já se arranjou, depois arranja-se para ti” — é um jogo pérfido e nada transparente.

5 O que se passou depois de Portugal ter vencido o festival da canção da Eurovisão foi dos espectáculos mais tristes a que já assisti. Levantarem-se todos para aplaudir o feito é de um ridículo inacreditável, muito pouco digno da Assembleia da República. Ganhar o festival é uma coisa trivial, não há país nenhum na Europa (talvez só a Albânia) que festeje a vitória com os deputados, a parecerem uns badamecos, de pé, no Parlamento.

6 *Muito errados os sinais que vêm da maioria que nos governa em relação ao Ensino Superior. O Parlamento decidiu congelar o valor das propinas (···). O Manuel Heitor não concorda com as medidas e a Fernanda Rolo, com quem falei ontem, também não, mas quem manda (e mal!...) são deputados do PCP e do BE, e estas aves raras têm uma concepção completamente enviesada do que são as políticas para o Ensino Superior.*

7 *Este Tiago Brandão Rodrigues é certamente um grande homem de ciência, mas não tem bem ideia do que é ser ministro da*

Educação em Portugal. É um bom contraponto ao Crato, que andou sempre no outro extremo das teorias das ciências mais ou menos ocultas. (...) Esta gente extremista e que tem muitas certezas é um perigo.

8 *O que vai ter de ser equacionado é o futuro da Europa e da União Europeia. Sou pelo Federalismo, e julgo que só uma união económica e sobretudo política nos salva deste atoleiro em que nos meteram. Quem nos meteu? É uma boa pergunta a que eu ainda não sei responder. Talvez os políticos, ou terão sido os economistas? Ou ambos?*

9 *Portugal é um país complexo. É pequeno, mas muito heterogéneo e cheio de contrastes. Continuo convencido de que o que mais nos prejudica é termos 60 por cento da população com o máximo de seis anos de escolaridade. É isto que nos torna pouco exigentes connosco mesmos e com a vida, com a escola, com o trabalho e com os outros. Refilões somos, mas exigentes, não!*

10 *É o país que temos. No rés-do-chão [do hospital Curry Cabral] tudo se parece com a Guiné-Bissau, no 2.º andar é como se estivéssemos no King Edward VII, em Londres. Um país de contrastes, mas em que para chegarmos às partes profissionais temos sempre de conhecer alguém. Senão, nunca passamos da Guiné-Bissau. É uma pena dizer isto, mas é verdade.*